

CORONAVÍRUS

Covid-19. Está a pensar deixar as crianças com os avós? Conheça os riscos

13.03.2020 às 20h43



JENS SCHLUETER / GETTY

Há cuidados a ter e situações a evitar. Os mais velhos são um dos grupos com maior probabilidade de desenvolver problemas graves se forem infetados com o novo coronavírus



ISABEL LEIRIA

Com todas as escolas, creches e ATL encerrados a partir de segunda-feira, a preocupação de milhares de pais é saber com quem conseguem deixar as crianças e se é seguro recorrer aos avós, uma das retaguardas habituais.

O problema é que os dados já existentes mostram que as pessoas mais velhas, até pelas doenças que muitas vezes acompanham a idade, como problemas cardiovasculares ou

hipertensão, são mais suscetíveis ao novo coronavírus, tendo risco acrescido de desenvolverem infeções mais graves no caso de serem contagiadas.

Assim sendo, cada decisão tem de ser ponderada e avaliada em função das alternativas disponíveis e das condições adversas que possam existir. Não sendo possível determinar com precisão o grau de risco, mesmo entre os médicos fazem-se avaliações diferentes.

No final da reunião de quarta-feira do Conselho Nacional de Saúde Pública, onde, entre outras medidas, se avaliou a necessidade de encerrar ou não todas as escolas do país, a diretora-geral da Saúde, Graça Freitas, referiu os riscos de colocar as crianças à guarda dos avós, frisando que estes “podem ter consequências piores dada a sua situação de fragilidade”.

Guilherme Duarte, membro da Associação Nacional de Médicos de Saúde Pública, ressalva que a “maioria das regiões não tem neste momento transmissão disseminada e por isso a maioria das crianças apresentam um risco nulo”. Neste cenário, acrescenta, pode até ser uma boa alternativa ‘mandar’ os netos para a ‘terra dos avós’. “É tudo uma questão de avaliar riscos.”

Outro factor que pode ser favorável é o facto de as crianças estarem a ser mais ‘poupadas’ por este surto. “No caso da gripe, sabemos que as crianças são dos maiores disseminadores do vírus na população. Mas em relação ao SARS-coV-2 (assim se chama este novo coronavírus) a incidência de casos entre os mais novos parece indicar o contrário”, explica o pneumologista Filipe Froes. Isto porque o número de recetores que funcionam como porta de entrada para este vírus é menor entre as crianças, aumentando de forma significativa à medida que a idade avança.

ESTAR ATENTO AOS SINTOMAS, EVITAR OS BELJINHOS

Posto isto e lembrando o grau de incerteza e desconhecimento em relação à doença provocada (covid-19), Filipe Froes considera que a maior condição de risco é a criança apresentar sintomas de doença, caso em que o contacto com os avós deve ser totalmente eliminado. “O problema é que muitas vezes nem sequer há alternativas. Havendo, diria para os pais escolherem os avós mais novos e mais saudáveis e estarem muito atentos ao desenvolvimento de algum sintoma.”

Da mesma forma, alguma possibilidade de a criança ou jovem ter tido contacto com casos prováveis ou ter feito uma viagem recentemente deve levar os pais a evitar o contacto entre os filhos e pessoas mais vulneráveis, como são os idosos com doenças crónicas.

Manuel Carmo Goes, professor de Epidemiologia da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, vai mais longe, defendendo que se deve limitar drasticamente o contacto entre os idosos e o resto da comunidade. "Há um preço afetivo a pagar por não poderem ver os familiares durante umas semanas, mas isso pode salvar-lhes a vida. Os idosos e as pessoas com certas doenças crónicas (cardiovasculares, hipertensão, diabetes, oncológicas) têm maior risco de vir a desenvolver doença severa. Protegê-los é uma das formas mais eficazes de proteger os serviços de saúde, já que são eles que têm maior probabilidade de requerer cuidados intensivos."

E há também a possibilidade de haver transmissão do vírus por parte de pessoas pré-sintomáticas (que estão infetadas mas ainda não apresentam sinais da doença, que só surgem posteriormente). Por isso, reforçam os especialistas, as medidas de higiene e distanciamento social são fundamentais em todas as situações.

“Os avós devem evitar a proximidade face a face com crianças, de forma a evitar que as gotículas expelidas por espirros e tosse lhes cheguem”, sublinha Guilherme Duarte.

“A contenção social é uma medida importante para todos. Reduzir as visitas também. Bem como evitar o frio, que é uma condição mais favorável para a resistência do vírus”, aconselha Manuel Carrageta, presidente da Sociedade Portuguesa de Geriatria e Gerontologia.

O médico lembra a importância do vínculo que existe entre muitos avós e netos e que funciona como elemento “recompensador do ponto de vista psicológico”. No momento atual, defende que o que se recomenda são medidas de precaução e não a eliminação de contactos: “Se as crianças estiverem a maior parte do tempo em casa dos avós é como se também elas estivessem em isolamento social, reduzindo os riscos de infeção”, afirma.

Guilherme Duarte deixa um último e mais importante aviso e que vale para todos: que ninguém desvalorize os sintomas que possa apresentar.